

BRENDA RODRIGUES PINHEIRO

CHAOS IS ME

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Belas Artes da Universidade Federal
do Rio de Janeiro como requisito parcial à
obtenção do grau de bacharel em Pintura.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Meyer

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Gabriela Mureb

Rio de Janeiro

2025

CIP - Catalogação na Publicação

R847c Rodrigues Pinheiro , Brenda
 CHAOS IS ME / Brenda Rodrigues Pinheiro . --
 Rio de Janeiro, 2025.
 80 f.

 Orientador: Pedro Meyer.
 Coorientador: Gabriela Mureb.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
 Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2025.

 1. Território . 2. Capitalismo . 3. Domesticação .
 4. Sonho. 5. Combatividade . I. Meyer, Pedro,
 orient. II. Mureb, Gabriela , coorient. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES - EBA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / DEP. BAB

CHAOS IS ME

Nome: Brenda Rodrigues Pinheiro

DRE: 118175616

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovada em: 16/07/2025

Grau: 10

Prof. Pedro Meyer Barreto - Orientador

EBA/UFRJ

Profa. Gabriela Di Battista Mureb – Coorientador(a)

EBA/UFRJ

Profa. Elisa de Magalhães

EBA/UFRJ

Profa. Bruna Costa

EBA/UFRJ

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar estes agradecimentos rendendo honra à minha mãe – mulher negra, maranhense, que muito jovem deixou sua terra em busca de uma vida possível, abrindo caminhos com coragem e dignidade. Mãe solo, que moveu mundos para me oferecer o melhor. É por ela que existo, é por ela que resisto – e é graças a ela que chego até aqui, com este trabalho enfim concluído. Estendo minha gratidão à minha tia Glória, que compartilhou da mesma trajetória de exílio e força, sendo igualmente fundamental na sustentação deste percurso universitário. Ambas representam, em suas histórias, a profundidade do gesto de cuidar – gesto que me permitiu sonhar e realizar.

Agradeço também aos meus amigos, em especial a José – mais que amigos, irmãos de jornada, minha família escolhida. À minha amiga Paula, por sua generosidade incansável: por estar presente não apenas no pensamento, mas também no corpo, no afeto, na materialidade da vida e da arte.

Sou grata a todos os mestres e mestras com quem tive a sorte de aprender – cada um deles acendeu em mim uma chama que segue acesa.

Mas meu agradecimento maior é dedicado à classe trabalhadora, ao povo que me constituiu e ao qual devo tudo. À luta cotidiana do proletariado, às mulheres que se insurgem contra a opressão, aos camponeses, aos povos indígenas e às comunidades quilombolas, aos revolucionários, aos camaradas políticos — todos eles estiveram comigo neste processo, me atravessando com sua luta, sua história e sua esperança de um mundo mais justo e mais igualitário.

CHAOS IS ME

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe uma investigação poética e crítica em formato de memorial sobre práticas artísticas contemporâneas desenvolvidas ao longo da graduação em Pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A partir de uma abordagem transdisciplinar, que envolve pintura, vídeo, performance, instalação, música e fotografia, busca-se tensionar os limites entre a arte e o cotidiano, o material e o sensível, o corpo e o digital, o sonho e a máquina, a liberdade e a morte capitalista.

Palavras-chave: Território; Capitalismo; Subjetividade; Fascismo cibernético; Sonho; Domesticação; Combatividade.

ABSTRACT

This Final Project proposes a poetic and critical investigation in memorial format regarding contemporary artistic practices developed during the undergraduate course in Painting at the Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (School of Fine Arts of the Federal University of Rio de Janeiro). Based on a transdisciplinary approach, which involves painting, video, performance, installation, music and photography, it seeks to tension the boundaries between art and everyday life, the material and the sensitive, the body and the digital, the dream and the machine, freedom and capitalist death.

Keywords: Territory; Capitalism; Subjectivity; Cybernetic fascism; Dream; Domestication; Combativeness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>CHAOS IS ME</i> , 2022-23	16
Figura 2 – <i>Série: Artistas Contemporâneas</i> , 2022-2023	17
Figura 3 – Cindy Sherman, [sem título], 1975	18
Figura 4 – Andy Warhol, <i>Autorretrato</i> , 1966	19
Figura 5 – Gilbert & George. <i>Grandes Expectativas</i> , 1972	19
Figura 6 – Andy Warhol, <i>Mao</i> , 1972	20
Figura 7 – Orchid, <i>CHAOS IS ME</i> , 1999	22
Figuras 8 e 9 – <i>CHAOS IS ME</i> (detalhes)	23
Figuras 10 e 11 – <i>CHAOS IS ME</i> , 2022-23 (detalhes)	24
Figuras 12 e 13 – <i>CHAOS IS ME</i> , 2022-23 (detalhes)	25
Figuras 14 e 15 – <i>CHAOS IS ME</i> , 2022-23 (detalhes)	26
Figuras 16 e 17 – <i>CHAOS IS ME</i> , 2022-23 (detalhes)	27
Figuras 19 e 20 – <i>CHAOS IS ME</i> , 2022-23 (detalhes)	28
Figuras 20 e 21 – <i>CHAOS IS ME</i> , 2022-23 (detalhes)	29
Figuras 22 e 23 – <i>Série: Artistas Contemporâneas</i> , 2022-23 (detalhes)	31
Figuras 24 e 25 – <i>Série: Artistas Contemporâneas</i> , 2022-23 (detalhes)	32
Figuras 26 e 27 – <i>Série: Artistas Contemporâneas</i> , 2022-23 (detalhes)	33
Figuras 28 e 29 – <i>Série: Artistas Contemporâneas</i> , 2022-23 (detalhes)	34
Figuras 30 e 31 – <i>Série: Artistas Contemporâneas</i> , 2022-23 (detalhes)	35
Figura 32 – <i>Série: Artistas Contemporâneas</i> , 2022-23, instalação	36
Figura 33 – <i>SUSPENDER O CÉU</i> , 2023, vídeo-arte, (still do vídeo)	39
Figura 34 e 35 – <i>SUSPENDER O CÉU</i> , 2023, vídeo-arte	41
Figura 36 – <i>SUSPENDER O CÉU</i> , 2023, vídeo-arte, (still do vídeo)	42
Figura 37 – <i>Série: não eh pintura</i>	45
Figura 38 – <i>Série: não eh pintura</i>	46
Figura 39 – <i>Série: não eh pintura</i>	47
Figura 40 – <i>Série: não eh pintura</i>	48
Figura 41 – <i>Série: não eh pintura</i>	49
Figura 42 – <i>Série: não eh pintura</i>	50

Figura 43 – Série: <i>não eh pintura</i>	51
Figura 44 – Série: <i>não eh pintura</i>	52
Figura 45 – Série: <i>não eh pintura</i> , objeto N1: <i>Palestina Triunfará</i>	54
Figura 46 – Série: <i>não eh pintura</i> , objeto N1: <i>Palestina Triunfará</i> (detalhe)	55
Figura 47 – Show no evento Cultura de Cura na boca do Povo	58
Figura 48 – Show realizado no Escritório Transfusão	59
Figura 49 – THEBRENDAS, performance realizada no Abre Alas 1.9	60
Figuras 50 e 51 – THEBRENDAS, performance realizada no Abre Alas 1.9	61
Figura 52 – THEBRENDAS	61
Figuras 53 e 54 – Flyers da exposição <i>CRER: entre preces e algoritmos</i>	64
Figuras 55 e 56 – Exposição <i>CRER: entre preces e algoritmos</i>	65
Figura 57 – Amarcel, <i>Amarcel e um componente laranja</i> , 2025	66
Figura 58 – ANTI, <i>metamorfia</i> , 2025	66
Figura 59 – Caxtrinho, show na exposição <i>CRER</i> (...), 2025	67
Figura 60 – Eduardo Manso, show na exposição <i>CRER</i> (...), 2025	67
Figuras 61 e 62 – THEBRENDAS, show na exposição <i>CRER</i> (...), 2025	68
Figuras 63 e 64 – Exposição <i>CRER</i> (...), 2025	69
Figuras 65 e 66 – BICHO, performance na exposição <i>CRER</i> (...), 2025	70
Figuras 67 e 68 – BICHO, performance na exposição <i>CRER</i> (...), 2025	71
Figura 69 – Vivian Caccuri, DJ set na exposição <i>CRER</i> (...), 2025	72
Figura 70 – Vasconcelos Sentimento, performance na exposição <i>CRER</i> (...), 2025	72
Figura 71 – THEBRENDAS, performance na exposição <i>CRER</i> (...), 2025	73
Anexo A - Exposição individual	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 Artistas contemporâneas&CHAOS IS ME	16
2 SUSPENDER O CÉU	38
3 não eh pintura	43
4 Música como arte imaterial	
4.1 Primeiros eventos	57
4.2 Exposição <i>CRER: entre preces e algoritmos</i>	58
CONCLUSÃO	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS	76
EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL	
.82	

INTRODUÇÃO

Por meio da análise e reflexão em formato de memorial sobre quatro eixos de trabalho desenvolvidos ao longo de minha graduação – *Artistas Contemporâneas&CHAOS IS ME (2022-2023)*, *THEBRENDAS* (atual), *SUSPENDER O CÉU* (2023) e *não eh pintura* (em processo) – o projeto se debruça sobre temas como subjetividade, experimentação, performatividade de gênero, ancestralidade, efemeridade, artificialidade, e a crítica ao sistema capitalista e suas estratégias de fetichização da arte. Ao longo dos capítulos, são acionadas referências como Félix Guattari, Ailton Krenak, John Cage, Karl Marx, Linda Nochlin, entre outros nomes fundamentais para o pensamento crítico e poético. A pesquisa aposta na arte como um campo expandido de ação e pensamento, onde a recusa aos sistemas de valor tradicionais abre espaço para a imanência do desejo, da escuta e da fabulação.

Artistas Contemporâneas&CHAOS IS ME é uma instalação composta por 48 fotografias 3x4 de artistas e 48 autorretratos 3x4, dispostos frente e verso sobre uma superfície de acrílico suspensa no teto. A obra permite uma visão de 360 graus, propondo um embate entre identidade, representação e pertencimento no sistema da arte contemporânea. *SUSPENDER O CÉU* é um trabalho de vídeo-arte com duração de 6 minutos que registra o derretimento de 16 velas sobre uma paisagem artificial construída a partir do chromakey. A imagem é acompanhada por uma composição sonora autoral inspirada na música ambiente e por um texto construído a partir de fragmentos de diversos autores, refletindo sobre o sonho como prática política e forma de aprendizado. A instalação propõe a projeção do vídeo junto às 16 velas físicas, criando uma tensão entre o real e o imaginado. *não eh pintura* é uma série em processo, iniciada em 2024, composta por objetos de pequenas dimensões que contrastam a tradição da pintura a óleo com materiais e elementos que desafiam essa tradição.

A série experimenta fusões irônicas entre pintura, tecido, plástico, lantejoulas, e até objetos de carnaval e lixo, criando uma reflexão sobre o consumo excessivo e a superficialidade da produção contemporânea. A obra propõe uma abordagem lúdica e irreverente, brincando com os limites da pintura e do objeto final, sem compromisso com a rigidez formal e a criação de um produto. *THEBRENDAS* é um coletivo artístico fundado em

2023 por Brenda Cantanhede, Rosita, Chico Patetucci e João Marcelo. Operando nos interstícios da arte sonora, performance e curadoria, o grupo transita pela arte expandida como gesto político e poético. Suas ações tensionam os limites da linguagem e da presença, elaborando fricções entre subjetividade, democracia digital, fascismo cibernético e liberdade. Em sua trajetória inicial, destacam-se a participação no Abre Alas 1.9 (A Gentil Carioca) e apresentações em espaços independentes como Audio Rebel, Escritório Transfusão e Fresta.

A experimentação como método, a ironia como linguagem e o sonho como resistência tornam-se dispositivos fundamentais para reimaginar modos de existência diante de uma realidade colonizada pela lógica do mercado, da produtividade e da vigilância.

Em um mundo cada vez mais carente de imagens originais, os objetos artísticos se tornaram objeto de intensa mercantilização. Como observa Marco Giannotti: “Os museus que antes preservavam obras se transformaram em grandes empreendimentos capitalistas” (2011, p. 124). Nunca vivemos de maneira tão abrupta na era da artificialidade; o contexto cultural atual é profundamente moldado pelos pilares do acúmulo, da ansiedade, do *fake* e da morte. “Saímos da era da contemplação e entramos na era da informação” (ibid., p. 124).

A chamada “era da artificialidade” diz respeito a um tempo em que a experiência estética é mediada por simulacros, cópias de cópias, algoritmos e aparências estrategicamente fabricadas. A originalidade cede lugar à repetição veloz de imagens formatadas para circular em redes sociais, moldadas pelo desejo de consumo e pelo imperativo da visibilidade. Nesse cenário, a arte deixa de ser um espaço de pausa, contemplação e elaboração subjetiva para se tornar mais um produto da lógica capitalista – vendável, estéril, performático. Os pilares mencionados – acúmulo, ansiedade, *fake* e morte – podem ser lidos como sintomas de um tempo colapsado: acumulamos dados e objetos, mas não experiências; vivemos acelerados, mas vazios; somos tomados pelo falso enquanto o real se esvai. A morte aqui não é apenas literal, mas simbólica – a morte do gesto criador livre, da sensibilidade crítica, da escuta interior. O deslocamento da contemplação para a informação não é neutro: revela uma transição onde o olhar já não se detém, apenas percorre. O consumo exacerbado e descontrolado de imagens nunca foi tão intenso quanto atualmente. Em poucos minutos nas redes sociais, somos bombardeados por uma

infinidade de imagens e vídeos curtos que nos anestesiaram e distorcem nossa percepção de tempo e realidade. Perdemos-nos em um abismo infinito de rolagem de telas, onde “o tempo está desarticulado, e nós não mais sabemos se somos objetos ou sujeitos ao descer, em espiral, em imperceptível queda livre” (STEYERL, 2011, p. 228).

Dentro dessa perspectiva, toda a população, especialmente a classe oprimida, o proletariado, é constantemente sufocada por um sistema que domina tanto seus territórios materiais quanto imateriais. Como observado no *Manifesto do partido comunista*: “para o burguês, a supressão da propriedade de classe corresponde, para ele, à supressão da própria produção; a supressão da cultura de classe corresponde, para ele, à supressão da cultura em geral. A cultura cuja perda o burguês deplora é, para a imensa maioria dos homens, a sua transformação em máquinas” (MARX; ENGELS, 2010, p. 52-53).

Como graduanda em artes, meu objetivo primordial é refletir sobre a imagem e a produção artística na atualidade. No entanto, creio que é impossível abordar criticamente essas questões sem estabelecer um diálogo com o capitalismo, o sistema em que estamos inseridos, pois “a história de toda sociedade até nossos dias é a história da luta de classes” (Ibid., p. 23). E a partir desta resolução é que trago a arte como instrumento combativo prático, e veículo revolucionário. É evidente que uma mudança de peso na nossa realidade atual só seria verdadeiramente possível a partir de uma derrubada violenta de toda ordem social passada, no entanto, creio que pequenas reformas são importantes também para massa, se tornando etapas de uma futura revolução, e creio na arte e na educação como um dos meios possíveis.

Mais do que construir respostas, este trabalho propõe perguntas: que imagens ainda podem ser sonhadas? Que gestos resistem ao automatismo da vida conectada? Como reencantar o mundo através da arte, do som, da cor, da palavra e da presença? Entre o delírio e a crítica, a pesquisa se abre como território de deriva, escuta e criação, onde o sensível se torna insurgência.

1 ARTISTAS CONTEMPORÂNEAS&CHAOS IS ME

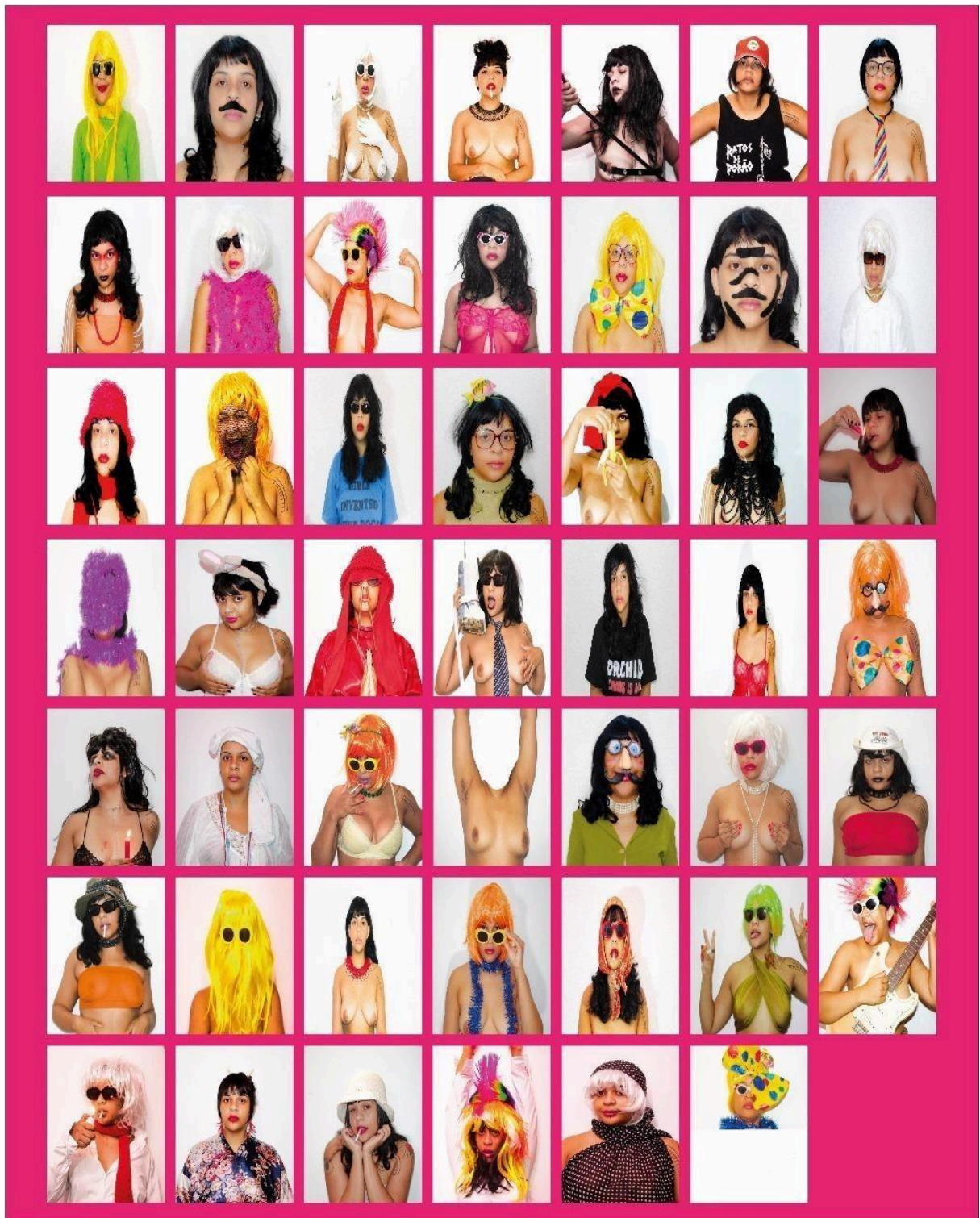


Figura 1 – *CHAOS IS ME*, 2022-23, 48 fotografias, 3x4cm.



Figura 2 – *Série: Artistas Contemporâneas*, 2022-2023, 48 fotografias, 3x4cm.

Em 2022, iniciei uma experimentação fotográfica focada no retrato, especialmente o autorretrato. Como estudante de pintura, o retrato sempre foi uma presença constante em meu campo de estudo, sendo um dos gêneros mais recorrentes na prática pictórica. No entanto, busquei um certo distanciamento da pintura para realizar essas experimentações, imergindo profundamente no pensamento fotográfico. Inicialmente, comecei a fotografar e posar sem grandes preocupações conceituais, lidando com a forma de maneira intuitiva e ouvindo o que o processo tinha a me dizer. Inspirada por trabalhos de artistas como Andy Warhol, Cindy Sherman, Gilbert e George, entre outros, passei a produzir de forma mais assertiva.



Figura 3 – Cindy Sherman, [sem título], 1975, tinlatina de prata prints, 41,7x28,6cm. Fonte: Moma.org/Cindy Sherman.



Figura 4 – Andy Warhol, *Autorretrato*, 1966, tinta de seda em tinta de polímero sintético em nove telas. 171,7x171,7cm. Fonte: Moma.org/Andy Warhol.



Figura 5 – Gilbert & George, *Grandes Expectativas*, 1972, tintura de transparência. 29.4x29,2cm. Fonte: Moma.org/Gilbert & George

Em maio de 2023, eu já possuía um acervo considerável de fotografias, que incluíam autorretratos e retratos de jovens artistas mulheres. Nesse ponto, comecei a refletir conceitualmente sobre o trabalho, questionando os caminhos que aquelas imagens poderiam abrir e o que elas teriam a expressar. O primeiro passo foi perceber que estava

produzindo dois trabalhos distintos ao mesmo tempo. Embora fossem séries diferentes, ambas seguiam um processo de formalização semelhante, com um pensamento compartilhado sobre a matéria: fotografia, enquadramento, retrato e acumulação; uma junção do *eu* e do *outro*.

Acredito que esta série nasce da urgência de analisar a imagem e o corpo do artista contemporâneo na era digital. Nesse sentido, todas essas questões me levam a refletir sobre o legado dos trabalhos de Warhol, especialmente sobre como ele já abordava as aflições que permeiam o homem moderno, e de como tais questões se intensificaram no presente. Hoje, essas preocupações não são mais apenas questões problemáticas dentro dos circuitos artísticos, mas sim uma realidade que os artistas abraçam e reforçam artisticamente. Exemplos disso são exposições e obras criadas com o intuito exclusivo de compartilhar publicamente uma experiência solipsista – a *selfie*, o story, o reels.

A série *Artistas Contemporâneas*, ao contrário dos retratos de Warhol, que visam ocultar o sujeito ao transformar a pessoa em objeto e o objeto em sujeito, busca inverter esse pensamento, com o objetivo de exaltar o retratado. Como afirma Roland Barthes: "A fotografia, ao fazer (re)aparecer a espessura material da realidade, é a intensidade da coisa mesma" (2022, p. 12)



Figura 6 – Andy Warhol, *Mao*, 1972, portfólio de dez serigrafias, 91,4x91,4cm. Fonte: Moma.org/Andy Warhol.

Assim, tornou-se claro para mim o poder do retrato fotográfico como um firme marco político, identitário, social e existencial. Logo, meu interesse para com essas fotos se findou numa densa justaposição - entre a *artificialidade* e o *singular*. A partir disso, decidi que meu foco não seria apenas fotografar artistas, mas especificamente mulheres artistas — cis, trans, de todas as raças e classes, todas aquelas que habitam este mundo como *Ela/Dela*. E por que exclusivamente mulheres? A princípio movida pelo desejo, apreço e identificação; e rapidamente tomada pelas razões políticas que inevitavelmente o trabalho trazia. Como nos ensina Linda Nochlin em *Por que não houve grandes mulheres artistas?*:

Se as mulheres tivessem alcançado o mesmo status que os homens na arte, o status quo estaria intacto. Porém, como todos sabemos, a realidade, tanto nas artes quanto em muitas outras áreas, é entediante, opressiva e desestimulante para todos aqueles que, como as mulheres, não nasceram brancas, de classe média ou, acima de tudo, homens. A culpa não está nos astros, nos hormônios, nos ciclos menstruais ou no vazio interior, mas sim em nossas instituições e na nossa educação, que começa no momento em que entramos neste mundo cheio de significados, símbolos, signos e sinais. (2001, p. 8-9)

Portanto, representar artistas contemporâneas está intimamente ligado aos símbolos e signos que eu desejava atribuir à fotografia. É importante destacar que, ao falar sobre a opressão das mulheres, não se pode ignorar sua relação direta com o capitalismo. O patriarcado se entrelaça com as noções burguesas de classe, como exposto no *Manifesto do partido comunista*:

O burguês vê em sua mulher um mero instrumento de produção, a ser explorado coletivamente, e, naturalmente, só pode concluir que a sina das mulheres é serem colocadas em comum. Não percebem que se trata precisamente de suprimir, para as mulheres, o estatuto de meros instrumentos de produção. (MARX; ENGELS, op. cit., p. 55)

Dessa forma, uma luta combativa contra a opressão das mulheres deve também ser uma luta contra o sistema capitalista. Nochlin nos lembra:

Assim, a situação das mulheres nas artes, como em outras áreas, não deve ser analisada pelos olhos de uma elite dominante masculina. Em vez disso, as mulheres devem se ver, potencialmente – se não efetivamente – , como sujeitos iguais e dispostas a encarar sua condição sem vitimização ou alienação. Ao mesmo tempo, devem se engajar com sua situação com um alto grau de compromisso emocional e intelectual, necessário para criar um mundo onde a igualdade de conquistas não seja apenas possível, mas ativamente encorajada pelas instituições sociais. (Op. cit.,

p. 10-11)

É fundamental esclarecer que não estou abordando aqui a falácia de um feminismo branco, ilusório e desigual, mas, sim, a união de mulheres de todas as origens e identidades, não contra o "homem", mas em oposição a um sistema de classe dominante que fere nossa existência a todo momento. Sendo assim, o trabalho acontece em duas instâncias: de um lado as *artistas contemporâneas* e do outro *CHAOS IS ME*.

O título *CHAOS IS ME* advém de um álbum de *screamo* da banda americana Orchid (1999- atual), uma das pioneiras do gênero, mas não se resume a isto. É um posicionamento existencial e estético. Um grito fragmentado contra a lógica da unidade. Um grito que escapa das cordas vocais e se aloja na carne da imagem, nas fendas do rosto, nos acúmulos do gesto. O que se vê aqui não é um autorretrato. São 48 ruídos visuais – autodeclarações esfaceladas que se negam a dar conta de um "eu".



Figura 7 – Orchid, *CHAOS IS ME*, 1999. God City Studios (Salem, Massachusetts). Fonte: Wikipedia.

Essa série opera pela insistência do colapso. Cada fotografia é uma tentativa de capturar a instabilidade da subjetividade, suas zonas de delírio, suas imagens-ficção, sua oscilação entre figuração e dissolução. Do realismo ao grotesco, do surreal ao cômico, do pictórico ao desintegrado, tudo aqui é excesso. Um corpo que não se comporta. Um eu que não se fecha. Mas há um recorte que não pode ser ignorado: esse corpo é uma mulher. Esse caos é uma mulher. Uma mulher que fotografa outras mulheres – cis, trans, negras, brancas, pobres, ricas – e que, nos próprios autorretratos, permanece fiel à performatividade do

feminino. Não há aqui travestimento de gênero. Há insistência: o eu caótico é também um corpo feminino que se recusa à estabilidade, mas sem deixar de enfrentar as estruturas que nomeiam, classificam e domesticam as mulheres na história da arte e no mundo.

Essa prática de autorrepresentação radical também é uma crítica ao sujeito neoliberal: produtivo, íntegro, coerente, vendável. Ao me expor como caos, me recuso a domesticação do eu e da mulher. Rejeitando a narrativa disciplinada do "quem sou eu" e propondo uma política da instabilidade. Um eu em fricção constante com suas possibilidades de ser – inclusive com o que há de falso, de teatral, de construído. Aqui, o caos não é um problema a ser resolvido. É uma metodologia, uma poética¹.



Figuras 8 e 9 – *CHAOS IS ME* (detalhes)

¹ A fim de preservar o efeito estético da obra, o conjunto de figuras a seguir (10 a 31) está disposto em diagramação livre.



Figuras 10 e 11 – *CHAOS IS ME*, 2022-23 (detalhes)



Figuras 12 e 13 – *CHAOS IS ME*, 2022-23 (detalhes)



Figuras 14 e 15 – *CHAOS IS ME*, 2022-23 (detalhes)



Figuras 16 e 17 – *CHAOS IS ME*, 2022-23 (detalhes)



Figuras 19 e 20 – *CHAOS IS ME*, 2022-23 (detalhes)



Figuras 20 e 21 – *CHAOS IS ME*, 2022-23 (detalhes)

E quando essa série se articula com os retratos das 48 artistas mulheres, o autorretrato implode de vez sua pretensão de singularidade. O "caos sou eu" se torna "o caos somos nós": corpos plurais, instáveis, marcados por experiências radicalmente diversas -- mas atravessados por uma mesma estrutura de opressão. Não se trata de dissolver tudo em micropolíticas desconectadas: trata-se de identificar que, por mais distintas que sejam suas subjetividades, todas essas mulheres enfrentam um inimigo comum. O sistema patriarcal capitalista é a engrenagem que organiza a violência contra suas existências, que mercantiliza seus/nossos corpos.



Figuras 22 e 23 – Série: *Artistas Contemporâneas*, 2022-23 (detalhes)



Figuras 24 e 25 – Série: *Artistas Contemporâneas*, 2022-23 (detalhes)



Figuras 26 e 27 – Série: *Artistas Contemporâneas*, 2022-23 (detalhes)



Figuras 28 e 29 – Série: *Artistas Contemporâneas*, 2022-23 (detalhes)



Figuras 30 e 31 – Série: *Artistas Contemporâneas*, 2022-23 (detalhes)

O trabalho foi ganhando força gradualmente, e em janeiro de 2023, foi exposto no *Abre Alas 1.9* da A Gentil Carioca e na Bienal da EBA no Paço Imperial.



Figura 32 – Série: *Artistas Contemporâneas*, 2022-23, instalação com 48 fotografias, 3x4cm, Paço Imperial, Rio de Janeiro.

Ao ver o acervo de artistas tão incríveis, percebi que não poderia me limitar apenas à fotografia e decidi expandir a série para o formato de vídeo. Tenho desenvolvido este trabalho com calma, gravando progressivamente. Meu objetivo é registrar todas as artistas que fotografei e, no futuro, ampliar o projeto, capturando mais vídeos e fotos de artistas de diferentes regiões do Brasil e, quem sabe, do mundo.

O vídeo se apresenta no formato de entrevista, em que faço três perguntas à artista convidada: primeiramente, peço que se apresente e fale sobre seu trabalho artístico. Em seguida, pergunto qual é a maior dificuldade em ser uma artista mulher no Brasil atualmente, e, por fim, o que ela espera da produção artística feminina no futuro. Embora as

mulheres apresentem uma gama de particularidades e subjetividades, as respostas inevitavelmente se cruzam, pois todas nós estamos submetidas à mesma estrutura capitalista e patriarcal, e é a essa estrutura que devemos nos opor primeiramente. Só com a derrubada desse sistema poderemos realmente lutar por justiça em todos os aspectos da violência e da existência feminina². Em resumo, sabemos que:

A arte não é a atividade livre e autônoma de um indivíduo dotado de qualidades, influenciado por artistas anteriores e, mais vagamente e superficialmente, por 'forças sociais', mas sim que a situação total da produção artística, tanto no desenvolvimento do artista quanto na natureza e qualidade do trabalho artístico, ocorre em um contexto social, sendo elementos integrais dessa estrutura social, mediados e determinados por instituições sociais específicas, como academias de arte, sistemas de mecenato, mitologias sobre o criador divino, e a ideia do artista como He-man ou pária social. (NOCHLIN, op. cit., p. 23-24)

Vejo este trabalho não apenas como uma investigação sobre os desafios enfrentados por mulheres artistas, mas, sobretudo, como uma exaltação das produções e pesquisas artísticas realizadas atualmente por mulheres de todas as origens e lugares, sobre tudo o que desejarem. Se nascer homem neste mundo é automaticamente um status de poder, nascer mulher é certamente uma imensa experiência de violência. E por este motivo, devo olhar para este trabalho como um ato de amor também, uma celebração de mulher para mulheres, em mundo que na maioria das vezes, se faz tão sombrio para nós. Que nunca deixemos de reivindicar justiça e liberdade, até que toda opressão seja brutalmente esmagada! Parafraseando um dito comumente atribuído a Mao Tsé-Tung: as mulheres carregam sobre os ombros a metade do céu, e devem conquistá-lo!

² As entrevistas da série *Artistas Contemporâneas* se encontram disponíveis no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=26WduZjQIls&list=PLumN-lzKFjjIjPIfjkPOvk3tM7y4TW-4q>

2 SUSPENDER O CÉU

Em meados de 2023, iniciei uma série de trabalhos diversos que têm como ponto de partida uma inquietação comum: como pensar uma produção que, além de refletir sobre os temas urgentes contemporâneos, também consiga vislumbrar possibilidades além deles? No turbilhão de leituras que empreendia, de pensadores tanto contemporâneos quanto antigos, e no vasto universo de informações ao qual o avanço tecnológico nos concede acesso com facilidade, a tensão entre a ansiedade e a depressão geradas pelo processo de pesquisar, viver e refletir em um tempo sem pausas ou silêncios – que segue incessantemente em um constante ritornelo existencial – tornou-se cada vez mais evidente. Foi então que percebi o que me faltava: a capacidade de parar, respirar o silêncio, e sonhar. A nossa maturação para a observação foi roubada; a geração atual sofre com a incapacidade de fixar imagens e até mesmo de se concentrar em algo de forma plena.

Assim, o trabalho *SUSPENDER O CÉU* (2023, figura 33)³ surge como um retorno aos símbolos atávicos de um passado quase esquecido, em diálogo com diversas poesias e teorias que me ajudaram a consolidar melhor aquilo que eu precisava expressar. Convido, então, o espectador a adentrar um sonho coletivo, entendido como um ato político e revolucionário. O projeto se insere no campo da vídeo-arte, onde crio montagens de um cenário celestial a partir de imagens artificiais, acompanhadas de velas coloridas que filmei durante todo o processo de queima. Com duração de seis minutos, o vídeo documenta o caminho de derretimento das velas nesse espaço imaginado, fazendo alusão ao sonho, com a vela funcionando como um instrumento de conexão, um portal para realidades invisíveis.

A obra é acompanhada por uma legenda que visa induzir o espectador à reflexão, utilizando poesias, saberes indígenas, dentre outras teorias⁴.

³ A obra se encontra disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=XxMqOvyjFv0>

⁴ A fim de preservar o efeito estético da obra, a legenda é apresentada a seguir em formatação e diagramação livres.



Figura 33 – *SUSPENDER O CÉU*, 2023, vídeo-arte, (still do vídeo).

SUSPENDER O CÉU

gostaria de sonhar para além de mercadorias mercadorias e sexo
 o sonho como uma experiência
 suspender o céu "a mudança deve ter início no modo de pensar"
 sonhar mais que mercadorias... mercadorias e sexo
 "cada sonho meu... ao aparecer sonhado, é encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-
 lo também"
 "ao mudarmos as nossas mentes, pode-se incluir o que sabemos com o que ainda não
 imaginamos"
 imaginar fora de um colonialismo cultural
 você pode sonhar para além de mercadorias... mercadorias e sexo "eu nunca fiz senão sonhar",
 "nunca pretendi ser senão sonhadora" eu preciso sonhar... além de mercadorias
 Um lugar para além desta terra, um lugar do sonho, onde possamos reviver os nossos símbolos
 atávicos
 sendo o sonho uma força da natureza, não se pode sonhar profundamente com objetos
 "só a natureza recebe, conserva e exalta nossos sonhos"
 você precisa sonhar... além de mercadorias suspender o céu
 o sonho como um lugar de veiculação de afetos
 o sonho como cosmovisão e tradição suspender o céu
 "matar o sonho é matarmo-nos e mutilar nossa alma. o sonho é o que temos de realmente
 nosso"
 "suspender o céu é ampliar nosso horizonte, não o horizonte prospectivo, mas um existencial.
 enriquecer as nossas subjetividades..."
 portanto, "compilar um digesto dos meus sonhos pareceu-me sempre que seria útil a
 humanidade."

Para a trilha sonora, compus uma música influenciada por Brian Eno, precursor da música ambiente, focada especificamente em seus trabalhos *Apollo* (1983) e *Another Green World* (1975). Acredito que a ambiência sonora exerce uma profunda ambivalência sobre o espírito. Inicialmente, ela provoca um certo incômodo, mas, ao nos permitirmos ser tocados por ela, envolve magicamente nosso ser.

"Suspende o céu" é uma expressão do professor e ativista indígena Ailton Krenak, que remete à cosmovisão ancestral e à celebração da vida em harmonia com a natureza.

Neste contexto, quero focar no sonho. Entendo o sonho não apenas como um estado de consciência durante o sono, mas como uma experiência rica e uma tradição que molda nossa relação com o mundo e conosco mesmos.

Vivemos tempos de grande crise: guerras, avanços tecnológicos desumanizantes e a mercantilização da vida ameaçam nossa existência. *Diante* disso, por que falar sobre sonhar? A prática do sonho é essencial na contemporaneidade, pois, como afirma Joseph Beuys: "A mudança deve ter início no modo de pensar; somente assim poderemos transformar o restante" (In: FERREIRA; COTRIM, 2006, p. 301).

Precisamos sonhar além das mercadorias. É urgente que nos permitamos imaginar e criar fora das amarras do colonialismo cultural, integrando saberes ancestrais com o que ainda não foi imaginado. Convido todos a explorar o sonho, o devaneio, o onírico e a conexão com a natureza. Essa mudança de consciência é o primeiro passo para materializarmos novas formas de existência. Por mais inocente que um discurso como este possa soar, é de certo, corajosamente, uma crítica assertiva ao capitalismo e aos sistemas de domesticação da alma humana.



Figura 34 – *SUSPENDER O CÉU*, 2023, vídeo-arte. Foto: Hotties Tech.

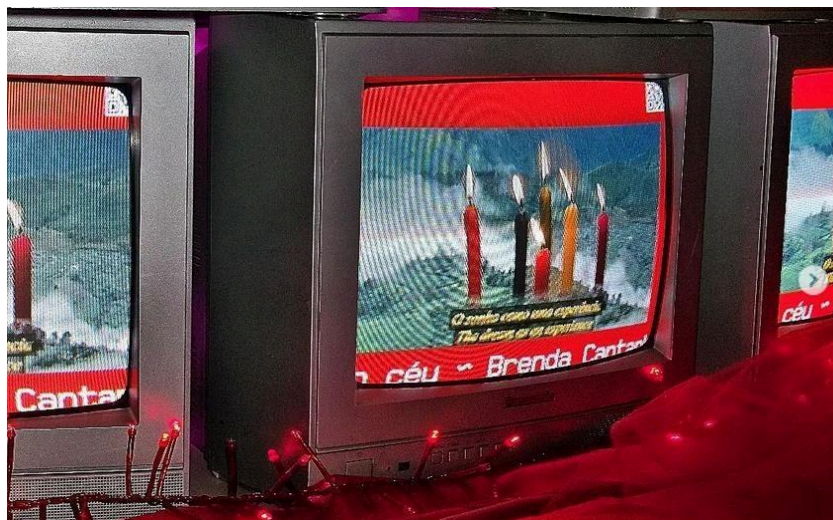


Figura 35 – *SUSPENDER O CÉU*, 2023, vídeo-arte. Foto: Hotties Tech.



Figura 36 – *SUSPENDER O CÉU*, 2023, vídeo-arte, (still do vídeo).

3 NÃO EH PINTURA

O que significa pintura na contemporaneidade? O que a pintura representa para mim? Essas perguntas sempre foram centrais durante minha graduação, especialmente ao considerar que tipo de pintura eu desejaria compartilhar com o mundo e se pintura ainda era, de fato, meu desejo. Compreender o que a pintura não deveria ser tornou-se mais evidente do que vislumbrar suas reais possibilidades no presente. Joseph Kosuth afirma:

Ser artista no agora significa questionar a natureza da arte. Se alguém questiona a natureza da pintura, não pode estar questionando a natureza da arte. Aceitar a pintura (ou a escultura) implica aceitar a tradição que a acompanha, pois, a palavra 'arte' é geral, enquanto 'pintura' é específica. Se você faz pinturas, já está aceitando, sem questionar, a natureza da arte, que se baseia na tradição europeia da dicotomia pintura-escultura. (In: FERREIRA; COTRIM, op. cit., p. 217)

Ao longo da minha jornada, muitas coisas perderam seu valor e razão de ser, incluindo a própria razão de existir. Após uma graduação inteira em pintura e uma imersão apaixonada em uma tradição, percebi que essas referências não me cabiam mais. Assim, nasceu a série em desenvolvimento *não eh pintura*, ciente de que "tentar revivificar os princípios artísticos de séculos passados só pode levar à produção de obras natimortas" (KANDINSKY, op. cit., p. 27). Como Donald Judd observa, "toda essa arte está baseada em sistemas construídos anteriormente, que expressam um tipo de pensamento e lógica hoje desacreditados como formas de compreender o mundo" (In: FERREIRA; COTRIM, op. cit., pg. 125). Em consonância com Joseph Beuys:

Não seria verdade que, quando um homem deseja fazer uma revolução ou, melhor, quando decide mudar as condições de seu mal-estar, deve iniciar mudanças na esfera cultural? Isso envolve escolas, universidades, cultura e arte. A mudança deve começar no modo de pensar; só a partir desse momento de liberdade será possível imaginar transformações mais amplas. É no pensamento que reside o núcleo da mudança, a partir do qual pode brotar o eixo central da democracia e da constituição democrática. (In: FERREIRA; COTRIM, op. cit., p. 301).

Ou seja, como estudante de pintura, se tornou inevitável não questionar o fundamento principal da minha graduação em relação ao meu contexto histórico.

Em meados de 2023, decidi reutilizar um grande compensado de madeira que estava guardado, dando início a uma nova série. Há tempos, sonhava com paisagens infantis e

formas irregulares, imagens que surgiam dos devaneios e da meditação consciente que pratico há anos – um tema que explorarei com mais profundidade em escritos sobre outros trabalhos. Cortei o compensado em pedaços pequenos e irregulares, pois essa pequenez me encantava, remetendo diretamente ao meu cerne infantil.

Meu espírito é guiado por uma devoção à experimentação e ao desconhecido; não apenas dentro da graduação em pintura, mas também em uma sociedade capitalista cujo fim último é o lucro. Como afirmado no *Manifesto do partido comunista*: “A burguesia despojou de sua aura todas as atividades até então consideradas com respeito e temor religioso. Transformou o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem de ciência, em assalariados por ela remunerados” (MARX; ENGELS, op. cit., p. 28). Nesse contexto, o lucro se torna a primazia de nossas ações. Essa aflição me acompanhou durante a graduação e permeou todas as áreas da minha vida, a obrigação de gerar e ser um produto monetário, enquanto, imersa no processo, a certeza me era escassa.

Assim, comecei a produzir, inicialmente muito ligada às minhas caminhadas meditativas em meio à paisagem, sempre com a lembrança de John Cage e sua peça *In a Landscape* (1948)⁵. A ideia de “terra que escapa” sempre fez sentido para mim. A construção da branquitude que permeia nossa relação com o mundo é puramente material, é brutalmente equivocada! “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que sustentam sua identidade, vão ficar loucas nesse mundo que compartilhamos” (KRENAK, 2019, p. 14). Se não busco afeto na paisagem e nos estímulos da natureza, restaria apenas o desfalecimento.

Assim, a subjetividade capitalística se esforça por gerar o mundo da infância, do amor, da arte, bem como tudo o que é da ordem da angústia, da loucura, da dor, da morte, do sentimento de estar perdido no cosmos (GUATTARI, 1990, p. 34).

Seguindo esse caminho, comecei a elaborar a série, inicialmente muito apegada aos conceitos de sonho, paisagem e infância, com a cor se tornando meu primeiro guia nesse território completamente desconhecido. Já estava claro para mim que meu objeto de criação não se restringia a uma “pintura”; mesmo assim, sabia que utilizaria a técnica de tinta a óleo. Meu desafio era pensar em uma contraposição, uma ironia, entre o caráter histórico do

⁵ Obra disponível no seguinte link: <https://youtu.be/GWND9xgcV50?si=b8jFGmvq4N-oAUFR>

óleo e suas significações em relação a outros materiais industriais que eu planejava usar, como massa acrílica, lantejoulas, enfeites de carnaval, objetos decorativos, velas, purpurina, retalhos de tecido, sementes, entre outros. Tenho numerado todos os objetos da série – é importante ressaltar que se tratam de *objetos* e não de *pinturas* ou *esculturas*. Alguns objetos recebem títulos além da numeração, enquanto outros não. Dizendo mais claramente, coloco escrachadamente em evidência valores puramente estéticos atribuídos a obras artísticas, que no fim as colocam como meros objetos de consumo. E nesta série, nem o status de venda elas podem exercer; são feitas de material vagabundo e de nenhuma durabilidade (figuras 37 a 45).



Figura 37 – Série: *não eh pintura*, técnica mista, dimensão não aferida

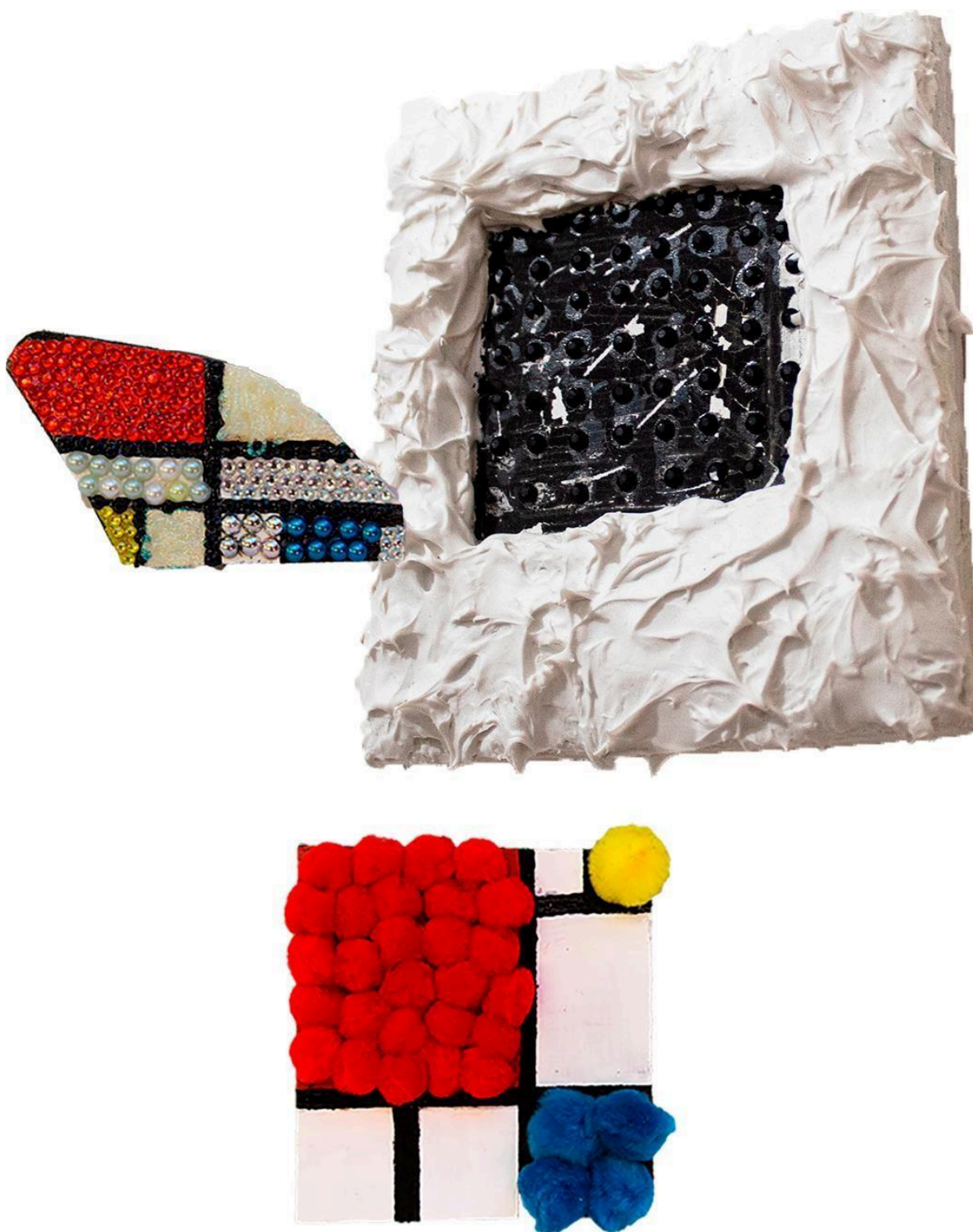


Figura 38 – Série: *não eh pintura*, técnicas mistas, dimensões variadas



Figura 39 – Série: *não eh pintura*, técnicas mistas, dimensões variadas



Figura 40 – Série: *não eh pintura*, técnicas mistas, dimensões variadas



Figura 41 – Série: *não eh pintura*, técnicas mistas, dimensões variadas



Figura 42 – Série: *não eh pintura*, técnicas mistas, dimensões variadas



Figura 43 – Série: *não eh pintura*, técnicas mistas, dimensões variadas



Figura 44 – Série: *não eh pintura*, técnicas mistas, dimensões variadas

Como afirma Hélio Oiticica: “Toda arte verdadeira não se separa a técnica da expressão; a técnica corresponde ao que expressa a arte, e por isso não é algo artificial que se ‘aprende’ e é adaptado a uma expressão, mas está indissolivelmente ligada a ela mesma” (In: FERREIRA; COTRIM, op. cit, p. 83). Dessa forma, ao misturar a tinta a óleo – uma técnica milenar fortemente associada a conceitos de eternidade, perfeição, genialidade e à arte ocidental – com materiais tão artificiais e cotidianos, que encontramos tanto na decoração da casa de qualquer suburbano quanto espalhados pelo chão durante o carnaval, nas lojas da Uruguaiana, até mesmo no lixo, coisas de pouquíssimo valor, pequenas brasilidades e futilidades do capital, percebo que tudo isso, mesmo sendo barato e efêmero, revela sua origem e se transforma em algo completamente novo (do qual não posso ter controle e nem prever). E assim o processo foi se construindo, pelo desconhecido e pela experimentação, na liberdade de me arriscar a utilizar algo sem fazer a mínima ideia de qual seria o resultado, misturando diversos materiais, sem preocupação com um produto, e sempre entregue a um fluxo contínuo que é o descobrir.

Os trabalhos emergem, primordialmente, do desejo de brincar e explorar uma variedade de texturas, cores, formas, cheiros, sentimentos, sonhos e ambientes. Contudo, alguns deles adquiriram um significado adicional. A série se inicia com o objeto N1 (figura 45), intitulado *Palestina Triunfará*, que nasce da angústia de testemunhar um genocídio em curso, uma realidade que não pode ser ignorada, especialmente por uma artista.

Este objeto, confeccionado em compensado de madeira e utilizando tinta a óleo, massa acrílica e tinta acrílica, incorpora também elementos orgânicos, como milho, semente de pau-brasil, linhaça e sementes de urucum. Ao centro da obra, está inscrita a frase “terra território terra”.



Figura 45 – Série: *não eh pintura*, objeto N1: *Palestina Triunfará*, técnica mista, dimensão não aferida



Figura 46 – Série: *não eh pintura*, objeto N1: *Palestina Triunfará* (detalhe)

Segue abaixo um texto reflexivo sobre o objeto N1⁶:

30 de setembro de 2024

É inegável que as principais disputas contemporâneas giram em torno da terra e do poder territorial, seja no plano físico ou na exploração dos territórios subjetivos do inconsciente.

Nos últimos 12 meses, o Estado sionista de Israel tem perpetrado um genocídio, amplamente televisionado e financiado pelos Estados Unidos, contra os povos árabes, incluindo aqueles na Faixa de Gaza, no Líbano e na Cisjordânia. Recentemente, mais de 40 mil pessoas foram mortas em decorrência das ações israelenses, a maior parte delas civis, e a maior parte dos 2,3 milhões de habitantes dessa região foi forçada a deixar seus lares.

No Brasil, a dinâmica de genocídio e usurpação de terras apresenta paralelos alarmantes. A violência contra os povos indígenas, quilombolas, camponeses e moradores de favelas é uma realidade que persiste há muito tempo, assim como a opressão enfrentada pelos palestinos. A guerra civil no campo, conduzida por latifundiários, extrema-direita e milícias rurais ligadas ao bolsonarismo, impõe um terror sistemático à justa reivindicação de terras pelos indígenas. Em 2023 e 2024, ocorreram ataques em estados como Bahia, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Ceará e em toda a Amazônia Legal, resultando no assassinato da liderança indígena Nega Pataxó e em ataques contínuos contra os Guarani Kaiowá no MS, perpetrados por pistoleiros.

A inação de um governo autoproclamado "de esquerda" e o silenciamento das grandes mídias apenas exacerbam essa situação. O genocídio recorrente das populações das favelas também se insere nessa lógica de guerra, perpetrada pela extrema-direita e seus conchavos, financiados por interesses externos. Contudo, o povo resiste — muitas vezes sem armamento e sem apoio governamental. Como artista e estudante, a articulação de certos discursos é uma forma de protesto. Todas essas questões são, em última instância, territoriais, tanto no espaço físico quanto no campo das nossas subjetividades.

Ao todo foram produzidos 40 objetos, que continuarão num processo quase empírico da experimentação, sem objetivo final, sem fim.

⁶ A fim de atingir um efeito estético em conjunto com o visionamento da obra, o texto reflexivo se encontra em formatação e diagramação livres.

4 A MÚSICA COMO ARTE IMATERIAL

“[...] a arte mais imaterial de todas, a música.”

(KANDINSKY, *Do espiritual na arte*, 1989, p. 58)

4.1 Primeiros eventos

A música sempre ocupou um lugar profundamente intrínseco em minha existência, quase como uma conexão com o divino, percorrendo sentidos que muitas vezes ultrapassam a capacidade de verbalização. Como apontado por Kandinsky em *Do espiritual na arte*, “o som musical tem acesso direto à alma” (op. cit., p. 27). Essa afirmação sintetiza a forma como a música transcende a materialidade, tocando diretamente o espírito humano.

Apesar de meu interesse vívido pelo fazer musical, durante muitos anos considerei a arte sonora como um território inalcançável. Sentia como se a música possuísse a capacidade de me envolver e transformar, mas jamais me permitisse conquistá-la ou dominá-la. Mesmo hoje, sendo a música uma parte essencial do meu trabalho artístico, minha relação com ela ainda se baseia nessa lógica de entrega e reverência.

No final de 2022, decidi me aventurar efetivamente na prática sonora, iniciando sem rigidez ou formalidades, apenas experimentando de maneira empírica. Meus primeiros passos foram improvisos ao lado de Rosita – que atualmente é minha baterista e parceira artística em diversas ocasiões – e Felipe Carnaúba, artista de Maricá que desempenhou um papel fundamental no meu desenvolvimento como musicista. Embora nossos caminhos tenham seguido direções diferentes, sua influência foi decisiva nesse processo inicial.

Após alguns meses de experimentação, realizei meu primeiro show na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, ao lado de Caxtrinho e João Luiz Lourenço⁷.

⁷ Uma gravação da apresentação se encontra disponível no seguinte link:
https://www.youtube.com/watch?v=Yh-4_HHwH_8



Figura 47 – Show no evento Cultura de Cura na boca do Povo, Agrofloresta, Ilha do Governador. Frames do vídeo.

Ambos são artistas de grande relevância para a música alternativa carioca e para minha jornada musical. Recentemente, lançaram seu primeiro álbum de estúdio, *Queda Livre*, considerado um dos melhores álbuns de 2024 pelo prêmio BIC e indicado ao prêmio APCA 50 melhores discos de 2024, produzido pelo QTVselo. Caxtrincho, em particular, tornou-se uma presença constante na minha caminhada artística, sendo não apenas uma fonte de aprendizado, mas também um grande amigo.

E no mesmo ano, realizei meu primeiro show no Escritório Transfusão (figura 48), lugar de muita importância e história para música underground carioca. Junto de Lcuas

Pires (designer e artista da QTVselo) e Caxtrinho novamente.

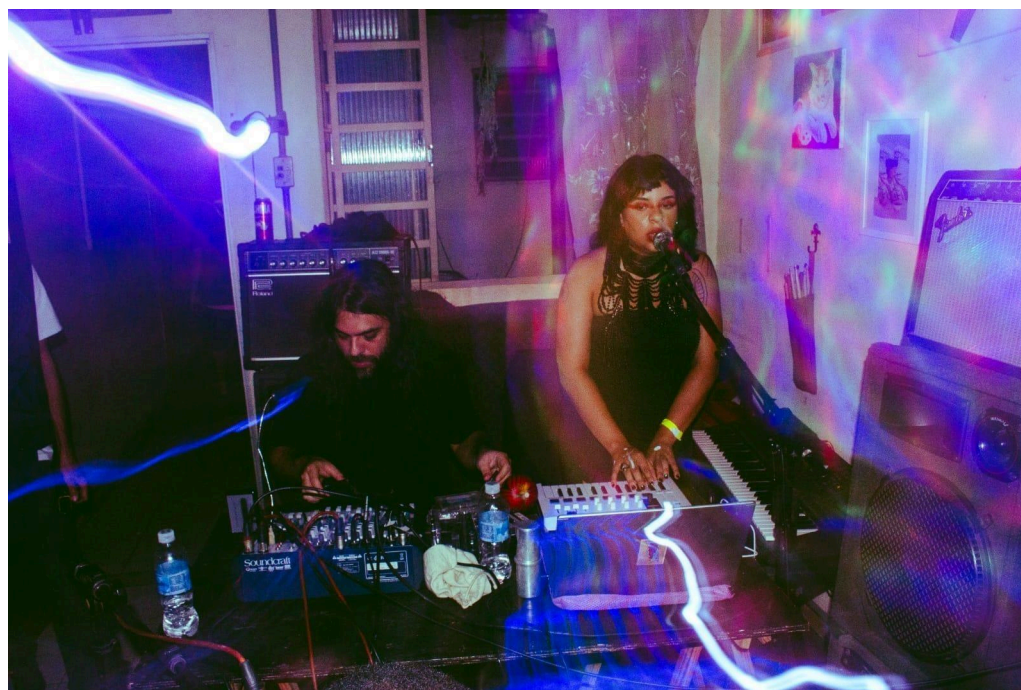


Figura 48 – Show realizado no Escritório Transfusão. Foto: Soso Reis

No ano seguinte, acompanhada de Rosita e João Loyolla, realizei mais um show na Ilha do Governador. Dessa parceria, nasceu o meu projeto mais recente e contínuo na música, THEBRENDAS, que se consolidou como um dos pilares centrais da minha atuação artística no campo sonoro.

Não posso deixar de mencionar que, após essas duas experiências iniciais de shows, decidi iniciar o curso básico de piano na Escola de Música Villa-Lobos, com duração de um ano e meio. Apesar de ser um período relativamente curto para aprofundar-me de forma não superficial no campo erudito da música, essa formação contribuiu imensamente para os trabalhos que desenvolvi posteriormente.

Atualmente, THEBRENDAS é um coletivo de experimentação artística, integrado por Brenda Cantanhede, Rosita, Cristiane, Chico Patetucci e João Marcelo. Operando nas interseções entre arte sonora, performance, curadoria e ativação de espaços independentes, o grupo articula uma prática transdisciplinar ancorada no conceito de arte expandida. Suas proposições tensionam os limites do sensível e do político, elaborando dispositivos poéticos que enfrentam criticamente questões urgentes da contemporaneidade – como democracia

digital, fascismo cibernético, subjetividade em rede e o imaginário da liberdade.

Em nossa trajetória inaugural, THEBRENDAS integrou a 19ª edição do Abre Alas, na galeria A Gentil Carioca, com a performance *The Artificial Intelligence Will Take Control, And Who Knows... Deep Down... We Will All Feel Beautiful As One* (2024), além de realizar uma série de apresentações em espaços de resistência cultural no Rio de Janeiro, como Audio Rebel, Escritório Transusão e Fresta, todos em 2024.



Figura 49 – THEBRENDAS, performance realizada no Abre Alas 1.9, A Gentil Carioca. Foto: Soso Reis



Figuras 50 e 51 – THEBRENDAS, performance realizada no Abre Alas 1.9, A Gentil Carioca. Foto: Soso Rei



Figura 52 – THEBRENDAS. Foto: Soso Reis

Meu desafio foi relacionar minhas pesquisas em desenvolvimento em outras linguagens artísticas com a música. Mesmo que cada linguagem possua sua autonomia e especificidade, os processos criativos inevitavelmente se encontram. Meu trabalho, apesar de multidisciplinar, acontece em um movimento cíclico, onde não há começos ou fins definidos: tudo se conecta e dialoga. Dentro dessa perspectiva, temas como capitalismo na contemporaneidade, democracia digital, subjetividade e o sonho como luta combativa também são explorados pelo THEBRENDAS. Ao todo desenvolvemos 5 composições, onde 4 delas formaram nosso primeiro EP, que em breve estará disponível em todas as plataformas digitais, sendo elas: *Sol, Vênus, Marte e Mercúrio em Gêmeos*; *Gullar (Improviso Ordinário sobre a Cidade Maravilhosa)*; *Ladys Of Leblon*; *Slowcore*. Todas as composições foram feitas coletivamente, a partir de improvisos acerca de um tema específico, comigo na guitarra, vocais e mesa mid, Rosita na bateria, percussões e vocais, Cristiane no violino e vocais, Chico no baixo e João Marcelo na guitarra e bateria.

Minha intenção sempre foi criar uma experiência coletiva, na qual o espectador deixasse de ser um ouvinte passivo para se tornar um participante ativo na construção do nosso show. A ironia foi nossa principal ferramenta para articular cada som, gesto e palavra. Nesse percurso, influências múltiplas marcaram nossa trajetória: figuras como David Lynch, Arto Lindsay, Júpiter Apple, Steve Reich, Broadcast, Nina Hagen, Brian Eno e Sonic Youth, nomes do jazz como Dave Holland e John Coltrane, além da vibrante cena da música alternativa carioca. Artistas como Eduardo Manso, Lucas Pires, Negro Leo, Juçara Marçal, KARTAS, Gueersh, Oruã e Tori não só nos inspiraram diretamente, mas também ocuparam um lugar especial como amigos e companheiros de jornada.

Entre essas influências, um nome se destaca por me ajudar a decidir os caminhos que desejava trilhar na música e, mais do que isso, por inspirar minha visão poética da vida: John Cage. Suas ideias ressoam profundamente em nosso trabalho coletivo. Como ele nos ensina, em uma citação em *Escritos de artistas*:

Tipos de músicas menos anárquicos oferecem exemplos de estados da sociedade menos anárquicos. As obras-primas da música ocidental exemplificam monarquias ou ditaduras. O compositor e o regente: o rei e o primeiro-ministro. Ao criarmos situações musicais que constituem analogias de circunstâncias sociais desejáveis, ainda não alcançadas, tornamos a música sugestiva e relevante para questões sérias que afrontam a humanidade. (In: FERREIRA; COTRIM, op. cit., p. 340)

Nosso coletivo não se preocupa em dominar a técnica musical ou exibir virtuosismo. Acima de tudo, somos artistas que constroem coletivamente, relacionando o som ao seu contexto histórico, interpretando o presente, deixando o passado e imaginando, juntos, o futuro. Para além das composições, fizemos nosso primeiro trabalho de vídeo com a música Sol, Vênus, Marte e Mercúrio em Gêmeos. Gravado por João Loyolla e editado por mim⁸.

4.2 Exposição *CRER: entre preces e algoritmos*

No dia 1º de fevereiro de 2025, realizamos o evento *CRER: entre preces e algoritmos*, um projeto que integrou exposição coletiva, apresentações musicais e performances. Esta foi minha primeira curadoria, desenvolvida em parceria com Rosita.

Vivemos na era do acreditar fácil, onde o “amém” foi substituído pelo “compartilhar”. *CRER* é um convite irônico para revisitar o ato de acreditar em tempos de verdades instantâneas e utopias mercadológicas. Aqui, fé não é refúgio, mas uma arma de confronto: contra narrativas que aprisionam e a repetição que anestesia. Entre uma *fake news* e um dogma, o que nos resta de escolha?

O capitalismo, com sua elegância brutal, transformou a crença em commodity. Hoje, crer é consumir – seja a promessa de um pós-vida confortável ou o sonho de uma democracia digital. Mas quem lucra com sua fé? Quem manipula seu medo? Enquanto extrema-direita e algoritmos disputam o controle do imaginário coletivo, *CRER* devolve à arte o papel de resistência e insubordinação. Porque, no fim, todos acreditamos em algo: em Deus, no mercado ou naquela manchete duvidosa do feed. O problema não é crer. O problema é que, enquanto rezamos, alguém vende nossas orações.

Na abertura da exposição, contamos com nomes como Eduardo Manso, um dos fundadores da QTVselo, artista de longa data, com uma extensa e variada produção, tanto como artista quanto como produtor musical. Eduardo Manso tocou com músicos como Arto Lindsay, Gilberto Gil, Ava Rocha, entre outros. Manso marcou intensamente minha jornada artística, e meu coração como mulher; guardarei sempre sua passagem em minha vida. Tivemos também: Caxtrinho; THEBRENDAS; performances de Amarcel, vocalista da banda KARTAS; e Anti, artista carioca.

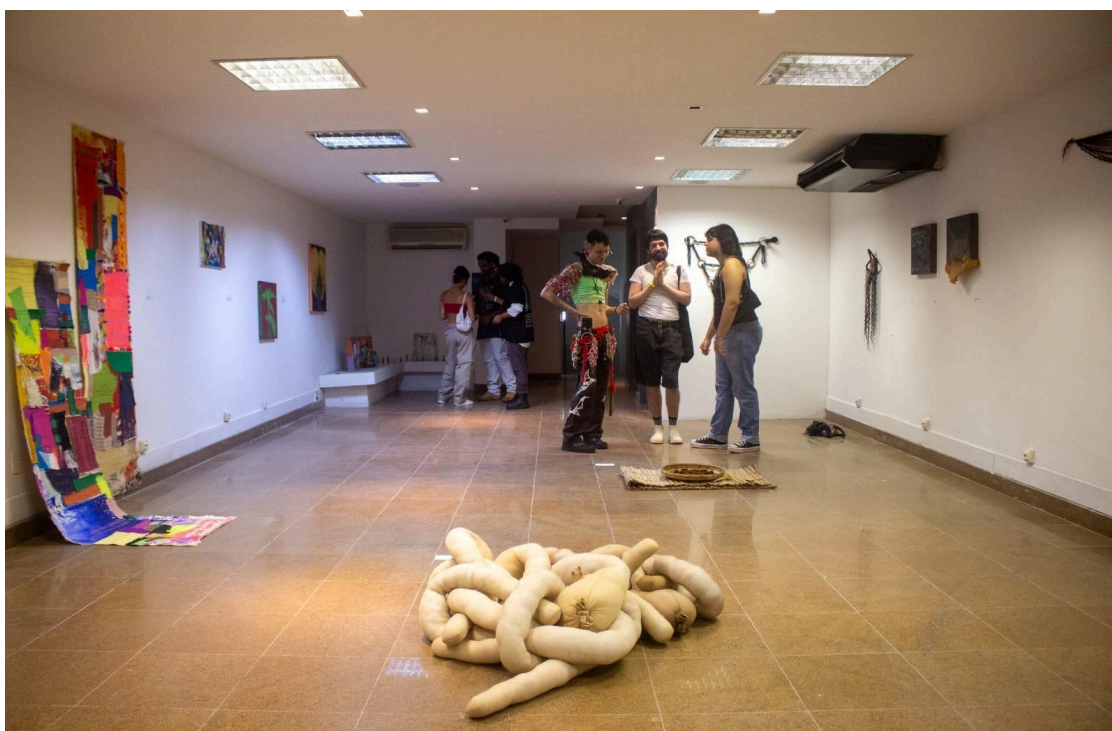
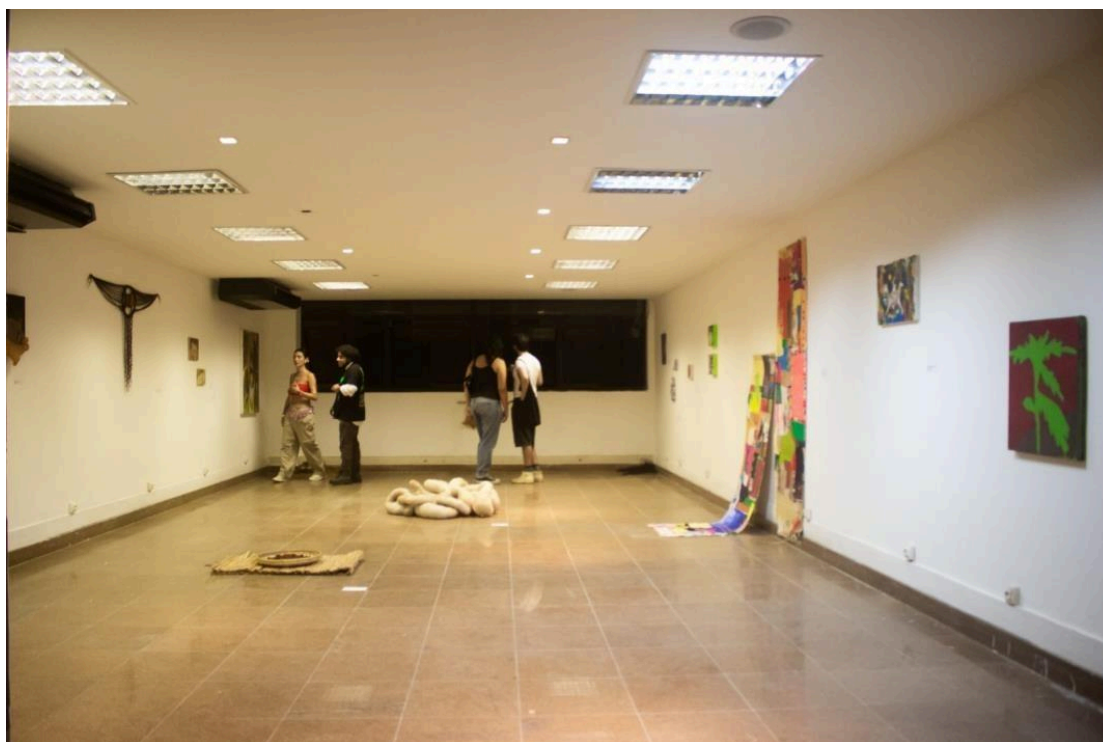
⁸ A obra se encontra disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=khqHXgbfJYg>

Para o encerramento, além dos artistas visuais da exposição, tivemos performances minha, com *BICHO*, e de Rosita, com *convite para um jantar*. E na parte sonora tivemos Vasconcelos Sentimento – jovem músico e produtor carioca que em seu último trabalho fez a produção de *RELA*, álbum de Negro Leo, de 2024 – e Vivian Caccuri, importante artista multidisciplinar, residente do Rio de Janeiro.

Este evento nos trouxe muitas coisas boas, e principalmente meu emprego atual de assistente de pintura para Vivian, em seu ateliê na Behring, Rio de Janeiro.



Figuras 53 e 54 – Flyers da exposição *CRER: entre preces e algoritmos*. Design: Vix Palhano



Figuras 55 e 56 – Exposição *CRER: entre preces e algoritmos*. Foto: Soso Reis



Figura 57 – Amarcel, *Amarcel e um componente laranja*, 2025, performance realizada na exposição *CRER: entre preces e algoritmos*. Foto: Soso Reis

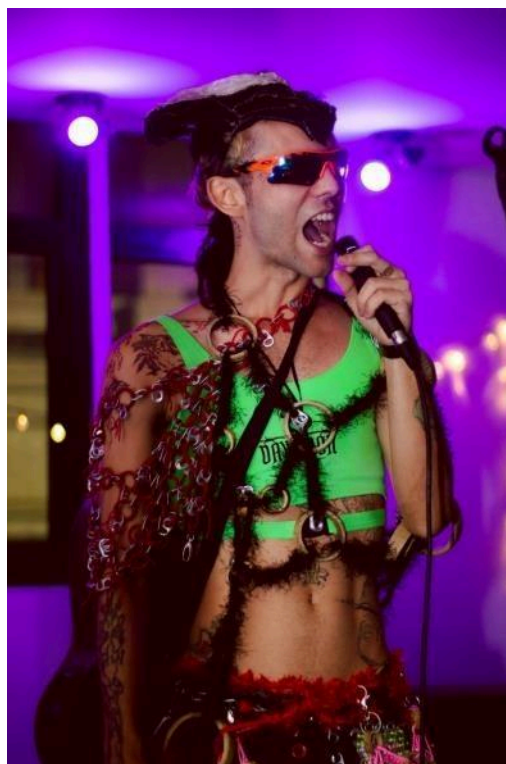


Figura 58 – ANTI, *metamorfia*, 2025, performance realizada na exposição *CRER: entre preces e algoritmos*. Foto: Soso Reis



Figura 59 – Caxtrinho, show na exposição *CRER: entre preces e algoritmos*, 2025. Foto: Soso Reis



Figura 60 – Eduardo Manso, show na exposição *CRER: entre preces e algoritmos*, 2025. Foto: Soso Reis



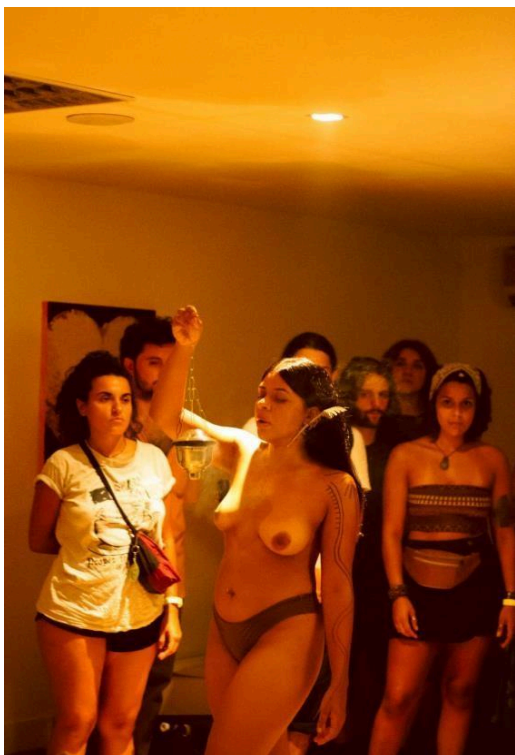
Figuras 61 e 62 – THEBRENDAS, show na exposição *CRER: entre e algoritmos*, 2025. Fotos: Soso Reis



Figuras 63 e 64 – Exposição *CRER: entre preces e algoritmos*, 2025. Foto: Soso Reis.



Figuras 65 e 66 – *BICHO*, performance feita na exposição *CRER: entre preces e algoritmos*, 2025.
Foto: Soso Reis



Não há muito o que dizer. Na verdade, não há palavra que alcance. Conceitos falham aqui. A performance escapa do discurso, jorra em puro sentido. Sem celulares, sem conversa. Apenas presença. Manipulação e troca sincera de energia, olhares, respirações, cheiros, silêncios, toques. Entre eu e vocês. BICHO é o vermelho-alagado que me habita. O cachimbo e o fumo como memória entranhada. O presente carregando o passado. Você acredita em magia ou você acredita em magia. BICHO não se pode narrar, se sente – coletivamente, unicamente. Obrigada a quem se permitiu limpar por dentro e sujar por fora.⁹



Figuras 67 e 68 – *BICHO*, performance feita na exposição *CRER: entre preces e algoritmos*, 2025.
Foto: Soso Reis

⁹ A fim de preservar o efeito estético da obra, as figuras e legenda são apresentadas aqui em formatação e diagramação livres.

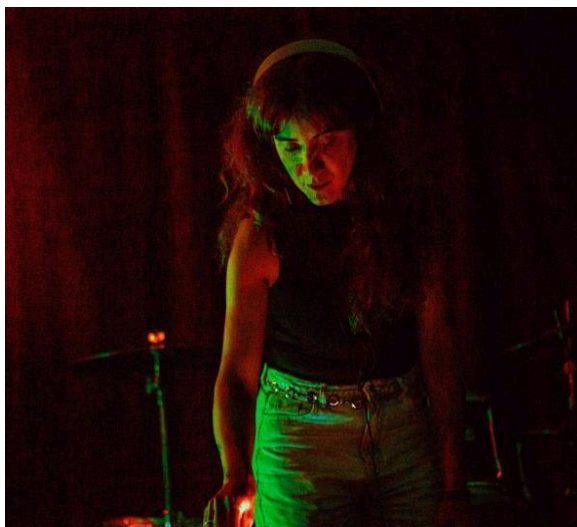


Figura 69 – Vivian Caccuri, *DJ set* feito na exposição CRER: entre preces e algoritmos, 2025. Foto: Soso Reis



Figura 70 – Vasconcelos Sentimento, performance feita na exposição *CRER: entre preces e algoritmos*, 2025.
Foto: Soso Reis

A partir das vivências em minha caminhada com som, compreendi que o fazer musical é, de fato, a arte mais imaterial de todas. O som carrega em si uma dimensão subjetiva e onírica que transcende qualquer formação, determinação ocidental ou lógica capitalista. A música, em sua forma mais honesta, torna-se um manifesto democrático por excelência, revelando-se como um mistério essencialmente humano.

Encerrando este percurso, trago uma fala de Hélio Oiticica em *Escritos de artistas* sobre Ferreira Gullar, figura central para o processo de articulação da palavra em nosso trabalho:

A proposição de Gullar que mais nos interessa é também a principal que o move: quer ele que não bastem à consciência do artista como homem atuante somente o poder criador e a inteligência, mas que o mesmo seja um ser social, criador não só de obras, mas modificador também de consciências (no sentido amplo, coletivo), que colabore ele nessa revolução transformadora, longa e penosa, mas que algum dia terá atingido o seu fim – que o artista ‘participe’ enfim de sua época, de seu povo. (In: FERREIRA; COTRIM, op. cit., p. 165)

Essa fala sintetiza o que buscamos: não apenas criar, mas transformar. Arte como ato social, resistência e um convite ao sonho como potência revolucionária.



Figura 71 – THEBRENDAS, performance feita na exposição *CRER: entre preces e algoritmos*, 2025.
Foto: Soso Reis.

CONCLUSÃO

Este trabalho não buscou provar nada, tampouco concluir. Ele se moveu por fraturas, devires e gestos que escapam. Cada capítulo operou como um corte oblíquo, um ataque sutil ou aberto aos modos de produção de sentido instituídos pela arte e pela vida sob capitalismo. Não houve aqui neutralidade, nem um desejo de organizar os trabalhos em torno de uma lógica curatorial ou acadêmica; houve, sim, o gesto insistente de pensar com e contra com as obras, contra os sistemas.

Ao costurar esses trabalhos, o TCC se posiciona politicamente, ainda que sem didatismo. A escolha é pela linguagem que arde, que não quer agradar, que não se alinha com as vitrines da arte contemporânea nem com os códigos do capital cultural. Trata-se de afirmar um pensamento situando uma mulher não-branca, periférica, em trânsito entre a pintura e o ruído, entre a fé e a ruptura. O sonho não é fuga: é método. A arte, aqui, não é ornamento nem conceito, mas campo de combate e esperança. Uma encarnação honesta do caos social eminente em nós, na crença de que tudo que não sucumbe neste sistema é farsante.

É nessa zona movediça que o trabalho se ancora: entre o que insiste em viver e o que ainda não tem nome.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (org.). **Escritos de artistas: anos 1960/70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GIANOTTI, Marco. **Andy Warhol ou a sombra da imagem**. In: Revista Arte & Ensaios, UFRJ, n. 16, p. 94-104, 2011.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Sueli Tomazine Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2019.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?**. Tradução de Denise Bottmann. In: PEREZ-ORTEGA, Helena (org.). *Mulheres, arte e sociedade*. São Paulo: EDUSP, 2001. P. 45-72.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. Edição de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SPIEBER, Jonathan. **Karl Marx: uma vida do século XIX**. Tradução de André Cechinel. São Paulo: Boitempo, 2019.

STEYERL, Hito. **Uma queda livre: um thought experiment sobre perspectiva vertical**. São Paulo: Edição do autor, 2020.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

Artistas Contemporâneas - entrevistas. Brenda Catanhede *et al.*, Brasil, 2023. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=26WduZjQlls&list=PLumN-lzKFjjIjPIfjkPOvk3tM7y4TW-4q>

SUSPENDER O CÉU. Brenda Catanhede. Brasil, 2023. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=XxMqOvyjFv0>

In a Landscape. John Cage. Estados Unidos, 1994. Disponível em:
<https://youtu.be/GWND9xgcV50?si=b8jFGmvq4N-oAUFR>

Agrofloresta, improviso realizado no evento Cultura de cura na boca do povo. Brenda Catanhede, Caxtrinho, João Luiz Lourenço. Brasil, 2023.
https://www.youtube.com/watch?v=Yh-4_HHwH_8

ANEXO A - EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

A exposição “LIMÍTROFE” foi inaugurada no dia 15 de novembro de 2025, no Atelier Sanitário Gamboa-RJ, onde permaneceu em exibição até 28 de novembro do mesmo ano. Contendo visitas guiadas com estudantes da UFRJ e UERJ, texto crítico de Bruna Costa e encerramento com performance do THEBRENDAS.

BRENDA CANTANHEDE

LIMÍTROFE



Abertura 15 de Novembro
16h - 22h

DURAÇÃO DE DUAS SEMANAS COM
ATIVIDADES E VISITAS GUIADAS

Rua Pedro Ernesto 56 - Gamboa

Ateliê Sanitário

ENCERRAMENTO DIA 29 COM
SHOW DE THEBRENDAS
E LANÇAMENTO DE SINGLE

Texto crítico: Bruna Costa

BRENDA CANTANHEDE

LIMITROFE

Abertura 15 de Novembro

Ateliê Sanitário

16h - 22h

CRONOGRAMA



17/11 - 10:40h
Visita guiada +
fala do coletivo Corena

21/11 - 10:40h
Visita guiada +
fala do coletivo Corena

28/11 - 14:00h
Visita guiada +
fala do coletivo Corena

+ Show de encerramento
THEBRENDAS

Rua Pedro Ernesto 56 - Gamboa

Texto crítico: Bruna Costa

